S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 9 de abril de 1910 — ANNO IV—NUMERO 26

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé n. 5 (sobrado)
Endereço telegraphico: LANTERNA
Apparece aos sabbados
Fundador: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . 8$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Dogmas contradictorios

Ha muita gente que imagina ter explicado o mundo affirmando que foi *Deus* que o *creou*. Pouco lhe importa que *crear* seja um absurdo inexplicavel; pouco lhe importa que *Deus* seja ainda um «mysterio», uma incognita, um sêr incomprehensivel. Essa boa gente continúa a ficar satisfeita, tranquilla com a sua intelligencia por ter «explicado» o mundo com uma coisa (?) que carece igualmente de explicação. Mettidos dentro do seu circulo vicioso — Deus explicando o mundo e o mundo explicando Deus — os creacionistas nem sequer suspeitam que á sua pergunta, feita com modos triumphaes: «Quem *creou* (?) o mundo « — que já suppõi um facto ainda não demonstrado—a creação—se poderia responder com igual arrogancia: «E Deus quem o creou ?»

Mas deixando de lado esse Deus creador, que nada explica, pois que de explicação e averiguação anda tão falho e necessitado, vejamos com que logica os *crentes* sobem de semelhante conceito ao de Deus-Providencia.

A Providencia Divina vem a ser um ente-todo-poderoso, infinitamente bom e infinitamente justo, velando pela conservação da ordem no Universo, distribuindo uma justiça infallivel e incorruptivel, mantendo, em summa, o equilibrio.

Ora, sendo assim, como e porque existe o mal ? O soffrimento humano porque é que existe ? Como consente a Providencia, infinitamente justa e sabia, a dor physica e moral que afflige a humanidade e as injustas desigualdades sociaes ? Pois não é verdade que ella *saberia* e *poderia* evitar o mal ? Será então porque não quer ? Mas isso não é possivel, pois que ella é infinitamente boa !...

E como se concebe o premio e o castigo como meio de fazer justiça ? Como explicar a eterna punição ?

Como castiga a Providencia um ser, cujos actos ella permittiu, pois que nada se faz sem o seu consentimento ?

Dizem que deu ao homem o livre arbitrio, a liberdade de escolher entre o bem e o mal ! Como ! Pois ella vai pôr nas mãos do homem uma tão terrivel liberdade, sabendo—visto que sabe tudo e o seu saber não tem limites no espaço e no tempo — sabendo que o seu protegido (?) a usaria pessimamente, a ponto de merecer o inferno por toda a eternidade ? ! Que juiz é esse que não só consente mas até favorece e facilita o erro, o peccado, o mal ? Verdade seja que se parece um pouco com os juizes terrestres...

A Providencia Divina é um perfeito absurdo e apesar de todos os sophismas imaginaveis de todos os theologos não se mantem de pé. Por isso é que alguns se limitam a um simples, ainda que inutil e nocivo deismo philosophico, repudiando a intervenção divina cá nos negocios deste mundo e na justiça dos homens, que por ter ainda muito de divina, é bastante torta...

Muitos, porém, não querem saber de absurdos e seguindo a maxima santo-agostiniana do *credo quia absurdum* que está no polo opposto á moderna investigação scientifica, admittem essa tão singular «providencia» que causa damno aos seus protegidos, e não quer, ou não sabe, ou não póde evitar o mal que no entanto, por definição, póde, sabe e quer evitar, e isto só para ter o grato prazer de condemnar ao inferno *per omnia secula seculorum* os desgraçados bipedes que prevaricaram com pleno assentimento de tão bom, justo, poderoso e sabio juiz.

E quasi todos esses crentes acreditam tambem na necessidade ou utilidade duma igreja, do culto externo, da oração, do sacerdote. Estamos em presença de nova contradicção.

Padres, igrejas e cultos acham a sua razão de ser na necessidade da oração. Ora, rezar significa — nada mais nada menos—supplicar á infallivel e immutavel justiça divina que decida segundo os nossos desejos, os nossos caprichos, os nossos interesses, conforme a concepção humana e fallivel que nós temos da justiça.

Isto é, rezar é insultar atrozmente a Providencia, é duvidar da sua infallivel justiça, é suppor que ella se possa enganar, é pedir a revogação das suas decisões infinitamente justas, é pretender que ella julgue de certo modo e não da mesma maneira certa, igual, predeterminada, inflexivel.

Tão humanos sois, bons crentes, que fazeis todo o divino á imagem e semelhança do humano. Os juizes da terra são subornaveis: vós quereis subornar a justiça eterna e incorruptivel !...

Se em virtude de certa prece, de certa missa, exorcismo ou mascarada clerical, a Providencia julgasse de *certo* modo, ella seria injusta, porque não julgaria a todos com equidade perfeita, em rigorosa proporção com os actos. Se ella é infinitamente justa, o culto externo é uma horrivel heresia, uma blasphemia abominavel: uma suspeita sobre a integridade do juiz supremo !

Nem para agradecer é admissivel a oração. A Providencia, julgando do mesmo modo a despeito de tudo, não precisa de agradecimentos, nem póde ser sensivel ás lisonjas. E' ainda suppor que ella poderia ter obrado de modo diverso. E' sempre um insulto. O crente deve procurar fazer o bem, absolutamente certo de que receberá a devida recompensa e de que não valerão supplicas para demover o seu julgador de lhe applicar a punição merecida.

Taes são algumas das mais importantes contradicções em que chafurdam quasi todos os crentes. Se elles notassem ao menos a ultima, de que resulta a inutilidade da oração, adeus padres e igrejas ! Mas os padres estão tranquillos: os seus fieis têm medo, horror e pavor de analyzar a sua crença. Esse medo ao livre exame, principal escora das igrejas foi-lhes incutido desde a infancia; alguns tornaram-se depois eruditos, fizeram estudos classicos, mas nunca ousaram levar o escalpello da analyse ás proprias crenças.

O terror ! Haverá concepção mais monstruosa, mais perverso producto do delirio do que o inferno, o castigo eterno, a dor para toda a eternidade ?

Os padres defendem-se, não tanto porque *creiam*, mas principalmente porque teem interesse em defender-se.

Elles defendem a sua sociedade commercial (vendas por atacado e a varejo de indulgencias, missas, perdões, bullas, santos, reliquias, bençams e outros generos do mesmo ramo de negocio) e outras classes os ajudam nessa tarefa, em troca de iguaes serviços. Uma forte colligação de interesses ampara o poder clerical e alimenta a crença popular.

Só não tem interesse em manter as igrejas o proletariado, o explorado, a victima daquella confraria. Se elle o comprehendesse !...

O trust das esmolas



— Quem te mandou ser burro ? Tivesses entrado cá para a confraria e verias como eu chover esmolas...

Sermões ao ar livre

De vez em quando soa para os catholicos o minuto amargo em que se sente sobre o peito arquejante o peso intoleravel da pata autoritaria, o minuto contradictorio em que elles proprios, servidores da ordem, devem proclamar, ainda que seja pela bocca dum papa, a desobediencia á lei injusta . . .

E não são situações novas.

Já em epocas que viram, em todo o seu esplendor, a confusão nem sempre amavel do poder temporal com o espiritual e as guerras entre o imperio e o papado pelo poder politico, se a Igreja entregava de boa vontade ao braço secular os corpos infames dos herejes, e da melhor vontade o Estado mortificava fielmente os ditos corpos, rebeldes simultaneamente aos dois poderes, tambem muitas vezes se invertia a scena de Canossa e sobre as carnes sacerdotaes do clero caía, caustico e humilhante, o azorrague despotico da lei, da vontade dos reis e dos senhores.

E era então a revolta. Era a revolta prègada vehementemente pela mesma bocca que entoara louvores á submissão e incitára á violencia contra as ideias. Era a Companhia de Jesus celebrizando-se pelos seus decididos conselhos de rebeldia sangrenta.

Tal é ainda a situação da Igreja: appellando para a violencia, onde a violencia organizada lhe obedece, protestando contra ella onde o braço armado lhe cai sobre a cabeça. Quando se sente opprimida, adora a liberdade, que recusa aos outros; dizendo-se apostolado de paz e de amor, de humildade e mansidão, mostra pela sua vida de cada dia que para ella tudo é questão de força. Ser o mais forte, eis a questão.

Assim um chefe politico do Amazonas maltrata, violenta, persegue uns frades benedictinos. Os catholicos protestam, reclamam, procesionam. E' justo, não é verdade ? Quem de nós não approva esse protesto ?

Mas supponhamos que os perseguidos, violentados e escorraçados, eram livres pensadores, socialistas, anarchistas, accusados de propaganda das suas ideias.

Bem sabemos como os catholicos rejubilariam, e como elles estimulariam mesmo o zelo da policia, com gritos de odio adubados de tiradas patrioticas, se os perseguidos, como se dá agora com os benedictinos maltratados, fossem estrangeiros nas garras dum Bento Brasil nacional . . .

Em Campinas, houve quem se lembrasse do talvez inutil gesto de derrubar um cruzeiro, essa forca onde jaz dependurado um cadaver, do qual se nutrem ha tantos seculos os corvos avidos da Igreja. Em verdade, se não é um acto de bem caracterizada intolerancia, parece-me um tanto inefficaz, porque os alicreces do symbolo da religião da morte não estão sobre o solo indifferente, mas dentro dos cerebros fanáticos . . .

Em todo caso, o acto serviu de pretexto para solennidades, sermões, procissões de desaggravo e emphaticos artigos . . . Mas tivessem posto outro symbolo qualquer que quisesse significar «heresia e impiedade», e ve-los-ieis clamar contra a intolerancia, invocar o respeito ás crenças ! Assim os heis visto no Rio, durante o carnaval da paixão, torvos de furor contra uma simples soirée blanche, *dedicada ás familias num theatro, em concorrencia com as igrejas . . .*

Ah ! amemos nós a liberdade !

Zeno Vaz.

Lanterna magica

Angariando

Na hora propicia em que os maridos estão no trabalho, um padre hespanhol bateu á porta dum nosso amigo.

A dona da casa, muito atarefada, mandou dizer que não podia attendê-lo, receosa sem duvida dum desses peditorios importunos; mas o reverendo insistiu, asseverando que não era para pedir esmola.

Foi mandado entrar e esperar, e quando veio a senhora expôs-lhe o fim da visita: pedia-lhe assignasse uma publicação chamada *Ave Maria*, destinada a combater a má imprensa (trata-se de nós); já tinha dez mil assignaturas annuaes, a 5$000...

A esposa do nosso amigo, apesar de catholica fiel e praticante, sentiu-se offendida com a captação sorna e velhaca, na ausencia do marido, e respondeu que precisava consultar a este.

—Oh! Trata-se de pequena quantia. A senhora tem decerto 5$000 em casa...

—Tenho, com effeito, mas não os darei sem consultar meu marido. Queira voltar mais tarde.

Assim ficou combinado. Mas os leitores voltaram ? Pois o padre tampouco.

E fez bem, palavra de honra. Inspirou-o o Espirito Santo... e a sua pratica de angariador...

♣

Fia-te na Virgem...

Telegrammas da Italia, referindo a erupção do Etna, que está assolando uma região siciliana, noticiam que a população se refugia nos templos e faz procissões para rogar ao Ceu que suspenda o flagello e detenha a lava...

Ao mesmo tempo vai fugindo... Fia-te na Virgem e não corras, e verás o trambolhão que levas, diz o adagio.

A propria supplica a Deus é uma revolta contra a resignação e os altos designios da Providencia Divina...

E' mais: é uma heresia.

A theologia faz de Deus um sêr infinitamente justo, um juiz incorruptivel e infallivel. A prece faz, porém, suppor que Deus se engana, póde voltar atrás nas suas decisões, emendar-se, arrepender-se, deter a sua colera, revogar as suas sentenças...

E' que a vida é mais forte do que o dogma.

O deus anthropromorpho dos crentes, isto é, feito á imagem e semelhança delles, tem as mesmas paixões, os mesmos sentimentos, os mesmos defeitos que elles; como elles se desdiz e se corrompe, se enfurece e perdoa, julga sim e não.

A resignação absoluta seria a immobilidade, a morte, o nada.

A justiça absoluta de Deus, irrevogavel e infallivel, seria a abdicação de todo o esforço — e ainda a inutilidade da prece, das igrejas e dos padres...

Mas os padres contam com as contradicções da vida... e sobre tudo com a ignorancia.

♣

Confissão...

Um jesuita tinha grande empenho em ser confessor do papa Sixto V. Vendo a insistencia, disse-lhe o pontifice:

— Não seria melhor que em vez de me confessardes, confessasseis... os vossos peccados ?

♣

Anarchismo

«Não se tem o dever de obedecer a uma lei injusta... uma lei injusta não obriga.»

Isto é: quem acha que uma lei é injusta não se deve sentir na obrigação de lhe obedecer. O criterio dessa injustiça, é claro, só pode ser fixado pelo proprio insubmisso; pois se o fosse pelos de pensar diverso, a lei seria considerada justa por elles...

Mas quem formula um pensamento tão revolucionario, tão contrario á legalidade, ao patriotismo, á ordem estabelecida ?

Um anarchista ?

Não, senhores: é sua santidade o papa Pio X, entrevistado pelo sr. G. de Maizière, do *Gaulois*, de Paris.

Ninguem se revolta contra as leis, quando ellas lhe são favoraveis. Oh ! então todos são patriotas...

♣

Agitação na Hespanha

Do *Estado*:

MADRID, 26—Communicam de Valencia que durante as manifestações politicas que tanto alarmaram a população hontem naquella cidade, os deputados republicanos Adolfo Beltrón Ibanez e Azzate percorreram as ruas, de carruagem aberta, incitando os seus partidarios a tomar parte nas manifestações, aos brados de «Viva a liberdade» e «Abaixo o clero» !

Produziram-se innumeros incidentes, travando-se varios conflictos na Calle La Paz.

O governador civil de Valencia ordenou a prisão dos manifestantes, que foram encarcerados, apesar de protestarem energicamente.

Entre os encarcerados figura o redactor chefe do jornal *El Pueblo*.

Nas rodas politicas commenta-se largamente a atitude das autoridades desta cidade por occasião das manifestações anticlericaes, promovidas pelos radicaes republicanos, condemnando á prisão os representantes do povo e da imprensa.

O deputado Azzate lavrou energico protesto contra a sua prisão e a do redactor do *El Pueblo*.

♣

O cancro

Do *Estado*, de 29 de março:

LONDRES, 28—O *Times* publica hoje uma carta que lhe enviou o seu correspondente em Lisboa, o qual, tratando de actos illegaes praticados por alguns bispos, lamenta a fraqueza do governo de Portugal ante o clericalismo.

Na opiuião do mesmo correspondente, o clericalismo é funesto ao paiz.

E' funesto não só a Portugal como a todos os paizes onde possa installar-se — de velha ou recente data...

♣

Religião e tabaco

Dentro duma carteira de conhecida marca de cigarros — «os melhores do mundo» — (não fazemos *rèclame* gratis...) encontrou um nosso amigo o seguinte pensamento, num pedacinho de cartão, que do outro lado traz *rèclame*:

«A religião é tão boa companheira na adversidade, como excellente conselheira na ventura.»

— Que diabo de relação ha entre o cigarro e a religião ? perguntará o leitor.

— E' porque são ambos narcoticos ?...

— E' porque constituem dois vicios ?...

Em todo caso, tudo seria mais claro, se o pensamento não tivesse ficado incompleto. *A rèclame* original era decerto assim:

«A religião, com um bom cigarro da nossa marca, etc.»

Ou então, no fim do pensamento acima transcripto:

«Ainda melhor, porém, é um delicioso cigarro cá da casa.»

♣

Fecho alegre

Foi um noivo confessar-se, e como fôra pouco frequentador do estabelecimeuto, o padre iniciou um exame de doutrina, perguntando-lhe:

— Quantos são os mandamentos da lei de Deus ?

— Para qual sexo ? interrogou o moço.

— Para qual sexo ! Para toda a gente, sem distincção alguma !

— Isso não é verdade: para os homens são dez, e nove para as mulheres, porque a estas é inutil mandar que não desejem a mulher do proximo...

Declaração de Canalejas

A titulo de curiosidade, damos as declarações de Canalejas, o actual presidente de ministros em Hespanha, sobre a questão clerical. Hespanha, como o Brasil, soffreu as consequencias da politica franceza.

"A campanha começada debaixo do impulso de Gambetta e de Ferry, fez com que a França republicana se tenha livrado, pouco a pouco, do que Anatole France chamou com justiça, o *partido negro*.

O fracasso da habil tactica do grande papa Leão XIII, unido á acção dos republicanos francezes, deu como resultado que nos vejamos inundados de ordens monasticas francezas. Já tinhamos uma infinidade dellas. Augmentaram, porém, em proporções alarmantes, quando Waldeck Rousseau, que queria transigir, e Combes, que cortou pelo são, nos enviaram, umas após outras, tantas congregações.

Em 1899, no parlamento e nas assembleias, chamei a attenção da Hespanha sobre este perigo formidavel. Foi em vão.

Liberaes, monarchicos e republicanos negaram-se a ouvir-me. Em 15 de dezembro de 1900 pronunciei um discurso que defina para sempre a minha posição.

— E' preciso, disse eu então, combater o clericalismo.

A perda das colonias trouxe-nos ainda mais frades. Durante tres annos, desde 1899 até março de 1902 combati, ajudado por alguns amigos, mais pessoaes do que politicos. Obrigaria o Sagasta, chefe dos liberaes, a que constituisse um ministerio baseado neste programma: união de todos os liberaes, não para dissolver, mas sim para regulamentar as ordens religiosas e limita-las por uma lei de associações.

O projecto fracassou por duas vezes. A primeira em 1902. O projecto tinha sido approvado no conselho de ministros; porém, negaram-me a reunião immediata das cortes para apresenta-lo, discuti-lo e vota-lo. Consequente comigo mesmo, apresentei a demissão.

Em 1906, o debate sobre o projecto de Barnabé Davila estava bastante adiantado, quando a scisão produzida na maioria liberal por um documento famoso na historia das crises inexplicaveis, mais ainda do que as ameças dos clericaes, foi causa de que fracassasse todo o nosso programma.

Agora, chefe do governo, devo cumprir todos os meus compromissos.»

RELIGIÃO E CLERO

(Ao reverendo padre João Ravaioli)

II

Os bruxos, os adivinhos, os profetas excerceram e excercem ainda sobre a mentalidade das multidões ignorantes—que constituem a grande maioria dos homens—mais influencia do que toda a pleiade immumera dos sabios que imundam o mundo com a luz da sua sabedoria. A Biblia, esse amontoado de eresias, de acontecimentos pornographicos em que está esculpida, em caracteres indeleveis, toda a crassa estupidez humana de ha vinte seculos—as Vidas dos Santos, que representam documentos importante para os estudiosos, como formas de loucura religiosa e de hysteria, o «Livro de S. Cypriano» as fabulas das «Mil e Uma Noites», a «Historia de Carlos Magno» são ainda a leitura predilecta dos nove decimos da humanidade que sabe lêr! A fantasia popular compraz-se tudo quanto é lendario, miraculoso, inverosimil, mirabolante; tudo quanto é trapaça artificiosa, fabula, engano; tudo quanto está fóra do natural e confina com o cretinismo, com o grotesco, com a estupida carcassa de uma historia monstruosamente atoleimada, quanto aos phenomenos da vida e á origem de um mundo saturado de espantalhos e chimeras.

E' na ignorancia phenomenal destas immensas multidões acephalas que se deitam ás chammas as obras monumentaes de um Hœckel, ou de um Darwin, para se lêrem os carapetões indigestos de um Moysés ou enthusiasmarse pelos heroicos gestos de qualquer sacripante que accumula sobre si toda a potencia dominadora da Igreja e todo o espirito do meio ambiente retrogrado do nosso tempo. Não devemos, portanto, estranhar porque a emporcalhada agua de Lourdes faz mais milagres do que a cirurgia moderna; porque um Christo de pau ou uma madona choramigueira, impressa num papel, rende melhores resultados do que o alienista que vos restitue ás supremas funcções da vida intellectual; porque os prodigios de Santo Antonio—que nunca aconteceram—têm maior merito de que os vastos recursos therapeuticos e nada celestiaes do medico que vos renova o sangue, que vos restaura a saude, que vos arranca dos estertores da morte para vos chamar á vida nova; não nos devemos espantar, finalmente, se as preces fanhosas, entre as mesticas arcadas da synagoga, nos salvam muito melhor das atribulações deste mundo infame, do que as sabias reformas politicas, economicas e moraes, intelligentemente suggeridas pela sociologia; e se o triumpho da sciencia, da luz, da verdade, dos mais bellos ideaes de fraternização e de amor entre os homens, não pode ser assegurado senão á custa de uma luta gigantesca, com galhardia sustentada pelo livre pensamento contra todas estas forças preponderantes do passado—ignorancia, superstição, embrutecimento moral, escravidão—serviço da Igreja e desencadeadas pelo clero, qual cruzada de morte contra a civilização que avança.

***

Feita esta premisa, que era absolutamente indispensavel, podemos entrar na questão.

Não arrebateis o nariz, fieis! não vos espanteis, hystericas beatas. Se não tendes medo do padre, muito menos o deveis ter do Diabo. Depois, o Diabo não é tão feio como o pintam, é um bello mancebo, cheio de graça e de espirito, insinuante, desenvolto, com um buço apenas nascente e um par de olhos encantadores, milhões de vezes mais sympatico e attrahente do que essa chata e caricaturesca figura antiesthetica de carnaval que se chama padre. Não temais, pois; escutai-me. O que eu vos disser fica entre nós. Deixai-me entrar, antes de tudo, no santuario das vossas crenças. O vosso Christo é um pedaço de pau, que não vê e não sente; por consequencia não protestará. O Padre Eterno, todo absorto como está na administração do universo, tem mais que fazer que não seja occupar-se das nossas pequenas intrigas, e não lhe passará sequer pela cachimonia... o pensamento de vos punir por me haverdes prestado attenção. De resto, vós o sabeis: a sua colera aplaca-se com preces; com tres ave-marias, tereis reconquistado o vosso paraiso perdido, e, se assim não fôsse, podereis contar com o meu cantinho, ao qual renunciei ha muito tempo e de que vos faço a mais espontanea das offertas.

Ouvi-me, pois, e deixai o medo de lado. Com todo o respeito sacratissimo que tenho pelas vossas pessoas, permitto-me sondar no vosso cerebro para vos descobrir o bacillo pathogenico que os tonsurados conseguiram inocular-vos, e demonstrar-vos que se deve principalmente á acção deste malefico bacillo essa especie de doença mental de que vos sentis affectados e que é conhecida em sciencia sob o nome de *loucura religiosa*.

. . . .

Este bacillo—é bem o sabeis—não é menos terrivel para a saude do que o da syphilis, da febre amarela, da peste bubonica e do colera. Uma vez penetrado no cerebro não ha mais medicamento capaz de o combater; todo o remedio é vão, toda a esperança de cura, absurda! O individuo está irremissivelmente perdido. O cerebro enfraquece-se, a razão offusca-se, o orgam principal das manifestações supremas da vida é attingido por uma especie de morte intellectual, e entra precisamente naquelle estado de debilidade em que não é mais possivel a percepção clara das coisas, a faculdade de raciocinio e a assimilação das ideias. Em uma palavra, o individuo transforma-se numa toupeira, mais proximo da besta que do homem, retrocede a um estadio de animalidade que parecia para sempre afastado de nós. Neste estado de amollecimento cerebral e de reversão atavica, á qual conduz a acção lenta, mas constante desse bacillo, não se sente mais nada, não se escuta mais nada, nada mais se comprehende. Fica-se por assim dizer isolado do mundo real, immobilizado nas trevas do passado, estarrecido perante os progressos que passam, ignaro das grandes conquistas da sciencia e dos cada vez mais vastos horizontes que esta desdobra aos olhos investigadores do homem, e se bem que o mathematico demonstre, que um e um são 2, que 2 e 2 são 4, e assim successivamente, mandar-se-á ao Diabo a Mathematica, e sustentar-se-á, segundo o mysterio da santissima trindade, que 1 mais 1 mais 1 são 3, mas que é igual a 1.

ORESTE RISTORI.

Opinião do Apostolado Positivista

Da recente publicação n. 291 do Apostolado Positivista do Brasil, assignada em nome delle pelo seu vice-director, sr. Teixeira Mendes, extrahimos alguns trechos que indicam o modo de pensar daquella conhecida organização sobre a questão das relações entre o Estado e a Igreja.

A declaração foi feita a proposito das ameaças contra o bispo do Piauhy, questão á qual, entretanto, muitos attribuem caracter exclusivamente politico e que em todo caso não podemos discutir por falta de elementos.

O Apostolado protesta contra a affirmação feita no Senado pelo Sr. Ruy Barbosa de terem os positivistas podido influir para as perseguições das autoridades piauhyenses contra o bispo.

—

... A historia do povo Português e do povo Brasileiro, como a de todos os povos *nominalmente* catholicos, demonstra que, a partir do décimo quarto seculo, os reis e os nobres, com o apoio dos metaphysicos, *juristas*, e elementos industriaes, substituiam o *regalismo*, isto é, a confusão dos dois poderes, temporal e espiritual, em proveito da *dictadura real*, ao regimem da separação entre esses poderes, que a Idade-Media estabelecera gradualmente, do quinto seculo ao décimo terceiro. Desde então o sacerdócio catholico ficou despoticamente dominado pelos Governos temporaes. Foi essa dictadura real que expulsou a Companhia de Jesús de Portugal e seus dominios, em fins do seculo décimo oitavo.

Quando o Brasil ficou independente, a Constituição imperial conservou esse *regalismo:* mantendo a religião catholica como religião privilegiada, o Governo imperial manteve tambem a despótica subordinação do clero ao poder civil. Sem falar da legislação de *mão-morta*, foi prohibida a entrada de noviços nas ordens religiosas. E as questões entre maçons e os bispos occasionaram a prisão dos dois bispos D. Vital de Oliveira e D. Macedo Costa.

O proprio senador Ruy Barbosa quis manter esse *regalismo* na Constituição da Republica. O art. 5.º do decreto n.º 119 A, de 7 de Janeiro de 1890, deixou em vigor a legislação de *mão-morta*, contrariamente ao prejecto *inicial* apresentado pelo Sr. Demétrio Ribeiro, *sob a inspiração positivista*.

Alem disso, o projecto de Constituição, apresentado pelo Governo Provisorio, dispunha no art. 72:

«Art. *72*:

§ 3.º Todos os individuos e confissões religiozas pódem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se, para esse fim, e adquirindo bens, *observados os limites póstos pelas leis de mão-morta*.

§ 4.º A Republica só reconhece o casamento civil, *que precederá sempre as ceremonias religiosas de qualquer culto*.

Art. 8.º *Continua excluida do paiz a Companhia dos Jesuitas e prohibida a fundação de novos conventos ou ordens monásticas*.

Art. 26. São inelegiveis para o Congresso Nacional:

1.º Os religiosos regulares e seculares, bem como os arcebispos, bispos, vigarios geraes ou forâneos, párochos, coadjutores, e todos os sacerdotes que exercerem autoridade nas suas respectivas confissões.

Art. 70. § 1.º Não podem alistar-se eleitores para as eleições federaes ou para as dos Estados:

4.º Os religiosos de ordens monásticas, companhias, congregações ou communidades de qualquer denominação, sujeitos a vóto de obediencia, regra, ou estatuto, que importe a renuncia da liberdade individual.»

***

Eis ahi como foram respeitadas as liberdades do sacerdocio catholico e os sentimentos catholicos da população portugueza e brasileira *até a promulgação da Constituição Federal da Republica Brasileira*. E eis ahi como entendia respeitar essas liberdades e esses sentimentos o senador Ruy Barbosa.

Compare-se essa maneira de respeitar as liberdades do sacerdocio catholico e os sentimentos do povo brasileiro com a conducta dos positivistas, desde o inicio da Igreja brasileira, em 1881, até hoje. Confrontem-se especialmente os artigos que acabamos de recordar com as *emendas* propostas na representação enviada, pela Igreja Positivista, ao Congresso Nacional Constituinte. E qualquer pessoa dirá onde estão os defensores verdadeiros do sacerdocio catholico e os que, sinceramente, acatam os sentimentos do povo brasileiro. (Vide, entre as Publicações do Apostolado Positivista do Brasil, n.º 112.)

***

Não basta, pois, proclamar-se vagamente deista, ou vagamente catholico, para respeitar a liberdade espiritual em geral e especialmente a liberdade do sacerdocio catholico. Ao contrario, todos os documentos ahi estão para demonstrar, irrefutavelmente, que *é graças á propaganda positivista no Brasil* que se tem vulgarizado aqui a verdadeira noção da separação entre o poder espiritual e o poder temporal. Em virtude dessa propaganda, é que o sacerdocio catholico gosa no Brasil segundo as previsões de Augusto Comte, da plena liberdade espiritual, que jamais possuiu alhures, nem durante a Idade-Media.

***

Ora, cumpre notar que, para chegar-se a essa conclusão, é imprescindivel ficar-se emancipado das crenças theologicas como dos sophismas metaphisicos, quer deistas e panteistas, quer atheus e materialistas. Porque é só então que se comprehende a *missão real* dos sacerdocios theologicos, catholicos ou não, percebendo a sua destinação moral e politica, o theologismo constituindo apenas uma ficção, então inevitavel e indispensavel, para systematisar os resultados sociaes e mesmo cosmologicos da sabeduria empírica. Reconhece-se então que, ao sacerdocio catholico, como a qualquer outra corporação ou pessoa, theorica ou não, deve ser garantida a plena liberdade espiritual, *mas sem privilegio algum*.

Ao passo que o *absolutismo theologico* pretende reservar para o sacerdocio catholico essa faculdade de livre exame das instituições, dos homens, e dos acontecimentos, de livre reunião, etc. E o *absolutismo regalista*, patrocinado pelos *juristas*, em beneficio do Estado, isto é, do poder temporal, de que os mesmos juristas querem se apossar, reserva essa plenitude de liberdades especulativa para os chefes da *força material* qualificada de Governo.

Dahi resulta o *despotismo sanitario*, etc.

***

Devemos lembrar que a plena separação entre o poder espiritual e o poder temporal é indispensavel:

1.º Para remover os obstaculos que se opõem ao advento da doutrina e dos theoristas que devem *livremente* succeder ao theologismo e á metaphysica, evidentemente exaustos, bem como ao sacerdocio catholico e seus destroços protestantes, por um lado, e aos metaphysicos, quer espiritualistas quer materialistas, por outro lado. Nestes acham-se comprehendidos os scientistas actuaes.

2.º Para garantir a elevação moral e politica da nova classe theorica, isto é, do novo sacerdocio, mediante a eliminação de todo despotismo, tanto dos theoristas, como dos chefes praticos.

Em uma palavra, é só assim que se assegura definitivamente *a dedicação dos fortes aos fracos e a veneração dos fracos para com os fortes*, base de toda exis tencia social.

Guerra religiosa

Do *Diario Popular*, em telegramma de Paris:

Em uma carta ao caadeal Aguirre, o arcebispo de Reims diz que os adversarios da Igreja desencadearam uma verdadeira guerra religiosaem toda a Europa.

Essa guerra foi a propria Igreja que a desencadeou. Nem lhe faltam os fuzilamentos...

Secção Amena

O... Espirito Santo

Imitando a Mahomet, o padre dum lugar muito dado a milagres habituou uma pomba a tirar dos seus ouvidos os grãos de trigo que de antemão collocava, e a pousare sobre os seus hombros apenas lhe ouvia dizer: «Espirito Santo, desce!...»

Uma noite notava-se extraordinaria animação na localidade; nos cafés, nas tavernas, nas reuniões, commentava-se a influencia ultraterrena de D. Pascacio, o padre, que no dia anterior, durante a missa, tinha promettido aos seus freguezes que desceria até elle no pulpito o Espirito Santo em forma de pomba.

Quando no dia seguinte subiu á tribuna sagrada, centenas de pessoas enchiam o templo anciosas por presenciar o milagre. Reinava tal silencio, que se teria ouvido o ruido das azas duma mosca.

Começou o sermão com a invocação de praxe e dahi a poucos minutos bradou o padre:

—Espirito Santo! Desce, desce para convencer aos incredulos de que sou o intermediario entre o divino e o humano! (As jovens levavam o lenço aos olhos; os homens, ajoelhados, pregavam o olhar no pavimento; as velhas ruminavam inintelligiveis orações.) «Espirito Santo, desce, desce!...»—continuava o padre impaciente.

A duvida ia apoderando-se dos circunstantes e D. Pascacio gritava cada vez mais forte: «Espirito Santo, por favor ou por caridade, desce, desce!...»

De repente apparece João José, o aprendiz de sacristão encarregado de abrir a gaiola, e inclinando-se sobre a grade que cercava o coro, bradou com voz estentorea:

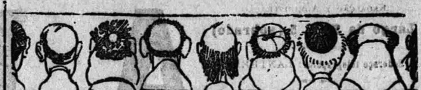
—Reverendo! o Espirito Santo não póde descer porque foi comido pelo gato!

(Uma gargalhada unanime resoou no templo.)

—Que diz esse maroto? perguntou colerico o padre.

—Que o Espirito Santo ou foi comido pelo gato, ou fugiu, porque na gaiola não está!...—replicou o aprendiz de sacristão...

CONTENTINE.



ROL DOS CULPADOS

Do *Le Petit Parisien*, de 9 de fevereiro ultimo, extrahimos a seguinte noticia:

«Abbeville, 8 de fevereiro — «O padre Levert, cura de Frucourt, perto de Abbeville, tinha por amante uma certa Carlota, da idade de treze annos e oito mezes. (O pomo do peccado estava ainda verde. N. da R.).

Ora, na noite de sexta-feira para sabbado (4-5), Carlota deu á luz um menino, no presbyterio. Como a rapariga se achava em estado grave, o cura chamou o doutor Sarrazin, de Hallencourt. Este, ao chegar, verificou que o cura tentára desembaraçar a joven, mas não pudera terminar o parto, e que a criança tinha vestigios suspeitos.

O cura partiu sabbado ás 4 horas da tarde numa direcção ainda desconhecida, depis de ter feito as suas despedidas dos pais, dizendo-lhes que não o tornariam a ver.

O medico legista verificou que a morte da criança era devida ao estrangulamento. A mãi, interrogada, declarou, com effeito, haver estrangulado o filho num accesso de febre; havia muito tempo que mantinha relações com o cura."

Assim os pastores guardam as suas ovelhas tenras...

***

Do *Commercio:*

LA PAZ, 31—A imprensa commentando energicamente a facto de tres sacerdotes terem raptado uma moça do convento de Santa Clara pe le severa punição para elles.

A punição é inefficaz: o mal é da Igreja e da sociedade toda que a sustenta. E' preciso atacar o tronco, arrancar a raiz, ir ao fundo...

E a Igreja tem raizes bem fundas na ignorancia e superstição das massas na sua propria riqueza, na influencia social e politica que desta resulta e na exploração do povo. As suas radiculas penetram aos cerebros e nos bolsos com avidez...

***

Do *Fanfulla*, de 26 de março:

ROMA, 25—Telegrapham de Napoles que foi preso o sacerdote Nicolau Stozzi, por ordem do juiz instructor, que contra elle instaurou um processo por corrupção e abuso de menores,

O rev. Stozzi é accusado de ter abusado obscenamente duma menina de dez annos, Teresa Pica, orfã recolhida na Pia Casa de Educação de S. José.

O novo escandalo clerical provocou indignação em toda a cidade de Napoles.

A serie continua...

E os padres e sacristas continuam a zurrar contra... a Escola Moderna.

***

Deu entrada na cadeia de Montreuil-en-Auge (França) o padre Raymundo Cacheleux por ter dado a um menino uma lição de moral, daquella que se praticava em Gomorra.

***

Em Lodi (Italia), no Asylo religioso, o padre Luiz Intropidi commetteu attentados contra o pudor de seis meninas.

***

O tribunal de Treviso (Italia) condemnou a nove annos de presidio o cura Paulo Forloni, por crimes communs. O de Reggio Emilia condemnou a 5 annos e 3 mezes o paroco de Fellegara por falsificações.

***

Em Eraclea (Sicilia) um reverendo porco, thesoureiro do Banco Rural catholico, mancha uma menina, cujos pais lhe administram uma monumental e pouco evangelica sova.

***

Refere *La Ragione* que um arcebispo estrangeiro, S***, que se acha em Roma, *conheceu* (estilo biblico) a mulher dum casal que o servia. Em virtude dos *mugidos* do marido, o cardeal Merry interveio no caso.

***

Em Alençon foi preso um ex-congregacionista, director duma escola catholica, por ter praticado a moral de Sodoma contra um menino de onze annos, Carlos Louvel, que foi, chorando, queixar-se ao intelligente pai, que o pusera sob a égide de tão bom mestre.

Guerra á Escola Moderna ...

Resumo da Historia das Religiões

I

O Sol

O sol, brilhante e majestoso, cujo regresso todos os dias expulsava as trevas inquietadoras e lugubres da noite, cuja marcha ascendente ou declinante correspondia á mudança das estações e fazia succeder á tristeza e aos frios do inverno a fecundidade e as alegrias dos bellos dias, a todos se representava como dono e senhor do Universo. Feridos pelo seu brilho, os nossos velhos avós chamavam-lhe o *brilhante*, em sanscrito *deva*, donde se fez *Deus*. Mais tarde os gregos, por causa do seu curso apparente através do ceu, chamaram-lhe o *corredor*, Theos (de Tein, *correr*). Dahi procede a palavra *theologia* (estudo sobre Deus), que significa literalmente *estudo sobre o creador*. Os romanos deram-lhe o nome de Senhor, *Dominus*. Noutras partes foi proclamado o *Altissimo*, o *Pai celeste*. Todas essas antigas e primitivas appellações do sol se transmittiram de povo para povo, através dos seculos e ainda hoje subsistem. (1)

Os primeiros homens que consideravam o sol como um sêr vivo, julgavam-no por isso mesmo sujeito á fome, á sêde, á cólera, ao orgulho, ao ciume, á piedade, á bondade, numa palavra, ás mesmas paixões e ás mesmas necessidades que elles mesmos experimentavam. No intuito de lhe erem agradaveis faziam-lhe offertas de liquidos e victualhas: falavam-lhes como se elle tivesse ouvidos para os ouvir, oravam-lhe, faziam-lhe supplicas, adoravam-no para obter os seus favores ou afastar os seus furores.

Assim foi que nasceu o culto do Sol, o Altissimo, o Ente Supremo, o Omnipotente, o Pai Celeste que illumina todo o homem que vem ao mundo, que faz germinar o trigo, que nos dá o nosso pão quotidiano. (2)

As orações que lhes dirigem, desde seculos, as diversas religiões que entre si repartem o mundo, podem resumir-se assim: «Nosso Pai que estás no ceu, abençoado seja o teu santo nome; realizado o teu reino; dá-nos a cada dia o pão de cada dia...» Esta formula tem sempre sido, pouco mais ou menos, a mesma. Ha 5 mil annos invocam os assyrios o Sol nestes termos: «Eu te rogo e glorifico a tua grandeza, Senhor dos Senhores, Creador que dás ás creaturas o alimento necessario de cada dia; Deus grande e forte, misericordioso, liberal, cheio de bondade, que sustentas, mantens e conservas; nunca o teu reino soffra mudança.

Os astros mais brilhantes que rodeiam o sol e parecem constituir-lhe o cortejo, eram considerados seus amigos e companheiros. Dirigiam-se-lhes preces e eram adorados na crença ingenua de que tambem elles escutavam as orações e lh'as communicavam.

Sobre estes dados descreveram

(1) A proposito do sentido abstracto que depois foi dado a muitas destas qualificações do sol, é bom recordarmos estas palavras de Anatolio France: «Toda a expressão duma ideia abstracta não podia deixar de ser uma allegoria. Toda a palavra é a imagem duma imagem, o signal duma illusão, nada mais. E' com os restos apagados e desnaturados de imagens e illusões grosseiras que se representa o obstracto.»

(2) Entre todos os povos da antiguidade era o sol a divindade principal. Os ethiopes, pais dos egypcios, que já eram civilizados 5.000 annos antes da nossa era, da mesma sorte que os incas do Perú, diziam-se filhos do sol, a quem olhavam como pai commum da humanidade. O Sabeismo, religião primitiva dos arabes e dos outros povos do Oriente, tinha por objecto a adoração do sol e dos astros. O mahometismo, que lhe succedeu, conservou o crescente da lua como emblema religioso. Os babylonios e os persas adoravam o sol. A ilha de Rhodes era consagrada ao sol, ao qual tinha sido elevada uma estatua colossal, conhecida pelo nome de colosso de Rhodes. Os chinezes e os japonezes elevavam templos ao sol, á lua e ás estrellas. Os indios professavam tambem o culto do sol e dos astros. Os antigos gregos, no dizer de Platão, adoravam o sol e os astros. Os celtas, antigos povos do norte da Europa, prestavam culto religioso ao sol, aos astros, ao fogo, á agua, ao ar e ás arvores. Os germanos, segundo Julio Cesar, adoravam o sol e o fogo Vi-se, no seu tempo, em Tolosa, um templo dedicado ao sol.

JOSÉ MARTINS

AS IMPIEDADES DOS PIOS
E
As piedades dos Impios

ESPECIE DE PROLOGO

de Galileo; os promotores de todas as discordias civis, os protagonistas de todas essas espontaneas guerras religiosas que têem feito derramar torrentes de sangue, taes como as guerras religiosas da França, a dos trinta annos na Allemanha, as discordias religiosas na Inglaterra, os morticinios na Irlanda, a guerra dos sete annos na Prussia, os massacres dos Paizes-Baixos, e, emfim, todas as guerras do seculo XIX e as dos primeiros annos do XX, foram obra dos bandidos religiosos, eternos alliados dos scelerados tyrannos da terra.

Quem foram os assassinos dos boers?

Os bandidos e protestantes inglezes, impellidos por um pirata de nome Chamberlain.

Quem foram os causadores da guerra hispano-americana?

Os caprichos de dous miseraveis: uma Christina e um Mac-Kinley.

Mas se, para confundir os bandidos da sacristia e desfazer as suas calumniosas accusações contra os atheus e os *impios*, o que fica dito ainda não fosse bastante, lembrar-lhes-iamos os nomes de muitos scelerados, vomitados pela religião catholica, alguns dos quaes se acham hoje no catalogo dos santos por seus horrorosos crimes; e taes são: Domingos de Gusmão, Gregorio VII, Pedro de Verona, Fernando III, de Hespanha, Pedro Arbues de Epila, Carlos Borromeu, Ignacio de Loyola e Pio X.

Muitos outros fervorosos religiosos, verdadeiros heroes do crime, deixaram em sua passagem pelo mundo um rasto de sangue, e com elle uns nomes tristemente celebres, que todavia não conseguiram ser inscriptos em catalogo santo, não deixando por isso de merecer os elogios da Igreja catholica; e foram: Pepino o Breve, Carlos Magno, Simão de Montfort; — Innocencio III, Gregorio IX, Alexandre VI, Gregorio XIII (papas); — Thomás de Torquemada; — Carlos V, Filippe II e Carlos IX (reis).

A orthodoxia e religiosidade dos malvados que acabamos de citar, nem siquer por um momento póde ser posta em duvida pelos salteadores da Igreja, e, entretanto, foram os maiores facinoras, os peores infames, como está historicamente comprovado.

Como é que a religião, com toda a sua decantada influencia para o bem, não póde moderar os instinctos sanguinarios desses perversos, e antes os estimulou ao crime? Que atheu ou «*impio*» se poderá comparar, em ferocidade, a Torquemada?... E' certo que os atheus, os «*impios*» ou como os bandidos da sacristia lhes queiram chamar, não crêem em Deus; mas dahi não se segue que elles sejam incendiarios e assassinos, como os Domingos de Gusmão; vis, ladrões e homicidas como os Montfort; ambiciosos e perfidos, como os Gregorio VII e os Innocencio III; devassos, incestuosos e envenenadores, como os Alexandre VI; sanguinarios, como os Pio V; covardes e traidores, como os Carlos IX; ferozes, como os Grogorio XIII; crueis e maus, como os Carlos V e os Philippe II; inquisidores, como os Gregorio IX; enfim, elles, os atheus, por não crerem em Deus, não são agentes de corrupção, como os jesuitas, que no seculo XVIII foram expulsos de todos os paizes civilizados como cães hydrophobos, em consequencia de suas abominaveis doutrinas; não simulam uma humildade hypocrita, como os padres; não são intrigantes nem lascivos, como os padres; não os animam os máus instinctos nem as paixões torpes, como aos sotainas; não são, em summa, perversos, vingativos, falsos, crueis e sobretudo venaes, como toda a gente da Igreja, a qual trafica com as almas dos defuntos, negocia na alta e na baixa com a ignorancia dos pobres crentes, a quem vende o ceu a pedacinhos e até o proprio Deus, se fosse possivel, tudo, mediante um punhado de ouro!

A cretinice religiosa dalguns espiritos obcecados, que só vêem as conveniencias de momento, leva-os a affirmar que sem religião não haveria temor nem respeito; que a sociedade se afundaria num formidavel cháos; que, emfim, nella está a salvação moral e espiritual da humanidade.

Ora, ahi estão uns argumentos que seriam de grande peso se não soubessemos, pela Historia, que nos passados tempos, isto é, quando mais vivos eram os sentimentos religiosos da humanidade, foi exactamente quando mais imperaram a desordem, o desrespeito, a libertinagem e as paixões torpes.

Que a religião, longe de ser um elemento de ordem ou de regeneração humana, é um fautor de desordem, um estimulo ás ruins paixões, é facto que não pode soffrer contestação, mormente quando pela Historia está provado e pela experiencia confirmado; demais, ella, a religião, não representa hoje senão um resto da ignorancia dos homens primitivos, conservado e transmittido através dos seculos e das gerações pelos interessados bandidos de todos os matizes.

Aos que tanto alarde fazem dos suppostos beneficios da religião, perguntamos:—Onde estão os seus fructos no decorrer de dois mil annos?

Se em 20 seculos ella não conseguiu levar a cabo a reforma moral do genero humano, muito menos o conseguirá agora, agora que a humanidade tende a separar-se completamente de seus absurdos dogmas.

Que fez ella em todo esse tempo?

Envilecer a especie humana com seus ritos e praticas supersticiosas; prègar a barbaria, fomentar odios, estabelecer distincções odiosas e revoltantes desigualdades entre os homens: crear tyrannos e escravos, santificando sempre as infamias dos primeiros ao mesmo tempo que preceituava a servidão resignada aos segundos; proteger a mentira, a superstição, a ignorancia, o embrutecimento, o crime; perseguir, diffamar, torturar e assassinar todos os homens sabios que pôde haver ás mãos; encher a Terra de fogueiras, de carceres, de patibulos, de instrumentos de tortura de toda especie; arrastar os povos a fratricidas guerras politicas e religiosas e arrancar até o ultimo vintem á pobre humanidade ignorante e credula, curvada sob um duplo jugo, politico e theocratico.

A religião, além de ser o maior obstaculo para a diffusão da instrucção e da sciencia, suas peores inimigas, é a negação do direito natural e, portanto, das immutaveis leis que regem o conjunto do Universo; a peor inimiga da liberdade individual e collectiva, porque confere a um tyranno o direito de governar despoticamente a muitos milhões de homens; a peor inimiga da igualdade economica entre estes, porque diz que sempre ha de haver ricos e pobres, a mais irreconciliavel inimiga da razão, porque esta preciosa faculdade é a primeira coisa que ella trata de annullar logo que se apodera do menino; emfim, a religião é o refugio de todos os hypocritas, de todos os farçantes, de todos os inimigos da humanidade, de todos os despotas coroados, do mais hu-

(Continúa).

---

os poetas primitivos pela imaginação a historia daquelles seres superiores, habitantes do céu, e contaram a sua vida, as suas alegrias, os seus soffrimentos, as suas lutas e as suas proezas sempre recalcadas sobre as dos mortaes.

O Sol, considerado como um sêr divino e superior, recebeu nomes que variavam consoante os povos. Foi: na India, Vischnú, Brahma, Budha; no Egypto, Horus e Osiris; em Babylonia, Belo; na Persia, Mithra; na Grecia, Apollo, Jupiter, Baccho. Os outros astros tornaram-se da mesma sorte personagens divinas, a quem foram attribuidas funcções e denominações variadissimas. E ahi está como o Olympo, ou seja o mundo dos deuses, foi creado á imagem do mundo terrestre. O que fez todo o exito e a prodigiosa duração destas fabulas foi ellas assentarem numa base scientifica, pois se referiam a phenomenos naturaes ou a observações astronomicas. Estas concepções, a um tempo simples e audaciosas dos homens primitivos tinham certa grandeza na sua belleza serena.

Os povos criam firmemente na existencia real daquellas divindades que a imaginação dos poetas tinha inventado para pintarem, sob uma forma allegorica, os movimentos dos astros e a sua influencia no mundo.

Nos velhos poemas da Grecia, por exemplo, era o Sol personificado sob o nome de Hercules, cujos doze famosos trabalhos não passam de ficções, lembrando a passagem do Sol através dos 12 signos do zodiaco. A credulidade popular estava tão bem convencida de que aquella personagem puramente imaginaria tinha realmente existido, que se chegou a mostrar os vestigios dos seus trabalhos maravilhosos, os canaes que elle abrira, os rochedos que separara, as columnas que levantara, as pedras que Jupiter tinha feito cair do ceu para lhe servirem de armas em combate contra os ligurios e até mesmo a fôrma dos seus pés gigantescos impressos pelos rochedos. Foram lhe consagrados templos, o seu tumulo foi venerado e durante seculos prestaram-lhe culto alguns milhões de homens. Não temos nós direito de troçar deste *tumulo* venerado, daquellas *pègadas divinas* impressas na pedra, desses vestigios do corpo da divindade que jamais existiram, porque ainda hoje vemos as mesmas superstições persistindo sobre outras formas e outros nomes, a respeito de personagens divinas não menos Imaginarias. Estamos, aliás, por nossa banda, tão pouco desembaraçados das crenças ingenuas da antiguidade pagã que falamos ainda a sério dos trabalhos de Hercules, duma força de Hercules, como se este deus fantastico tivesse jamais existido.

MALVERT.

(Continúa.)

Rio de Janeiro

Está autorizado a proceder á cobrança de assignaturas d' *A Lanterna* no Rio de Janeiro a sr. João Leuenroth.

Contamos com a boa vontade dos nossos amigos e assignantes para o auxiliarem na tarefa.

Subsidios para a historia de um crime

O discurso do defensor de Ferrer

(Conclusão)

(Explica depois o regresso de Ferrer, chamado de Londres pela doença de duas parentas, uma das quaes morreu; os ataques constantes de que foi alvo, por quererem annullar-lhe os esforços em favor da casa editora; a sua curta estada em Barcelona, em julho, segundo o depoimento de algumas testemunhas que o viram em fabricas de papel, typographias, etc.

Nega valor á affirmação dum jornal catholico sobre o regresso de Ferrer ao Mas Germinal e á informação do jornalista. Quanto a Llarch e ao alcaide de Premiá, ambos chefes da Fraternidade Republicana nesta aldeia e na de Masnou, diz que ali nada houve de illegal nos primeiros dias da semana tragica:)

Todos vós lestes nas noticias da imprensa que desde segunda-feira ali se sublevaram como em Barcelona sem que essas duas autoridades, uma moral e a outra civil, tenham impedido coisa alguma: devemos, pois, ver nelles partidarios duma legalidade contrária á que jurámos defender; e era assim que o comprehendia a justiça, que logo os processava e mandava prender, até ao dia em que o seu depoimento neste processo e em outros lhes produziu a protecção de algum graudo e com ella a liberdade condicional, lançando a accusação para outro homem, como Ferrer, menos protegido do que elles pelos mandões ou por estes muito mais detestado; certamente, esses mandões vêem com jubilo adversarios politicos calarem as sympathias proprias, reconhecidos aos seus eternos inimigos, e descarregarem o enorme peso sobre os hombros do homem que ficou só para o aguentar.

(Narra minuciosamente o que se deu em Masnou e Premiá em 28, depois explica as ideias de Ferrer sobre os idolos politicos, para mostrar a situação delle fora de qualquer partido; invalida habilmente os depoimentos de dezanove testemunhas de Masnou e Premiá).

Um ponto ficou obscuro no processo: pode dizer-se conferencia o que disseram Ferrer e o alcaide de Premiá, e quem tomou a iniciativa duma conferencia? porque foi o alcaide voluntariamente á Fraternidade Republicana? preveniu-o alguem? quem lhe deu o aviso? Não vi que se tenha feito sobre isto a menor investigação, o que teria sido mais util do que interrogar três ou quatro vezes sobre o mesmo assumpto tantos Cisas, Espinosas, Comas e Meragas, que formando, ao que parece, familias numerosissimas, vos fizeram sem duvida o mesmo effeito que a mim durante a leitura da accusação: imagina-se que ha duzentas testemunhas de Premiá e não passam de quinze. Não podemos positivamente qualificar de conferencia o que parece ter sido um encontro fortuito.

(Faz observar varias contradicções e faltas de precisão. Destroe os depoimentos de algumas testemunhas de Premiá para mostrar logicamente que Ferrer não pode absolutamente ser considerado como chefe da revolta pelo que dizem as testemunhas: muitas só expõem boatos e algumas são evidentemente parciaes. Analysa os successos de Masnou, que não têm a gravidade que lhes é attribuida. Occupa-se dos documentos; volta ao principio dos factos; quanto ás duas proclamações é a falta de data que as faz discutir tanto e apresentar como uma accusação grave contra Ferrer; faz observar circunstancias tão estranhas que o veu espesso que diante dellas vai cair descobrirá coisas mais indignas que as proclamações allegadas, com quanto anarchistas...)

As proclamações foram achadas no Mas Germinal durante uma busca feita pela policia, a unica operada sem a presença effectiva de pessoas competentes, a unica bem succedida; mas essas proclamações que o accusado que defendo não reconhece como suas, contêm tão grosseiros erros de ideias, a sua significação, embora queiram fazer crer outra coisa, é tão anterior aos successos, impossiveis de prever mesmo no 1.º de julho, que sem custo vos convencereis de terem sido escriptas para outro dia e outro fim.

E para que tudo seja obscuro em torno de tal causa, algumas proclamações foram publicadas pela imprensa hespanhola; ora, para suppostas proclamações, antigas e não impressas, não pode haver crime em as escrever e guardar entre os seus papeis, mas sim em as publicar: portanto, o verdadeiro culpado, que devia ser ferido com a pena legal, é quem fez publicar essas proclamações incendiarias, quem as imprimiu apesar do segredo da instrucção; e como juro pela minha honra que ellas não foram destacadas dos autos, forçoso é acreditar que lhes succedeu alguma coisa de estranho em mãos que não são as nossas, e antes de passarem para as nossas.

Não quero avançar mais por esse terreno escabroso e escorregadio, apesar do interesse que em vós desperto aqui e contentar-me-ei com examinar agora dois pontos que de passagem notei particularmente.

1.º Correcções de escripta tratadas a fls. 29. A escripta foi feita á machina e examinada pelos peritos: pensam elles que a syllaba *ba* accrescentada e o *t* corrigido podem ter sido escriptos pela mesma mão que as cartas apresentadas por Ferrer; mas não podem articular uma affirmação decisiva, o que é totalmente diverso do que disse o accusador, que as emendas foram feitas por Ferrer; e demais ajuntam que com effeito o *t* em nada se parece com o *t* do escriptor que defende.

2.º O segundo ponto entra em outra ordem de ideias: é que ha razões para ter como ineditas as ditas proclamações, ou pelo menos que nada têm com a rebellião actual, pois o juiz, tendo examinado por varias vezes o que, nos outros processos, mostra ter alguma relação com o de Ferrer, não achou ainda um só testemunho que indique que em uma só das mil buscas feitas nas casas dos insurrectos ou que em poder de algum delles se tenha encontrado alguma cópia ou reproducção desses manifestos, o que prova não ter sido espalhada a circular e terem sido nullos os seus effeitos.

Senhores, resumo. Francisco Ferrer Guardia, perseguido por suas ideias racionalistas, impellido, sacudido até á ultima extremidade, envolvido num crime abominavel, forçado a fechar as suas escolas, insultado diariamente pelos partidos encarniçados, não consente em se submetter nem em pedir treguas. Se em vez de chefiar as massas, faz a educação dellas, se dá aos homens o impulso e o movimento para a luz do pensamento, mostra deste modo o verdadeiro fim da humanidade, arranja e distribue a sciencia dos sabios como a unica arma da revolta.

Se vimos que não tomou parte na revolta militar nem como chefe nem como actor, por que não proclamamos a sua absolvição? Restituamos-lhe a sua liberdade e os seus bens, e deixemo-lo, no meio dos abraços da familia, ir contar na terra de exilio como se faz justiça no exercito,

Não quero esconder-vos que assim se encontrará gente que, cega pelo odio, duvide da vossa coragem, são os que não comprehendem a justiça sem castigo; mas a nossa justificação não se fará esperar e os cegos de hoje hão de applaudir a vossa firmeza.

E se, por sua desgraça, deixou de os esclarecer a luz da justiça, pensai que os applausos da opinião são cheios de amargura e preparam os remorsos; é, porém, uma compensação vantajosa o applauso da consciencia.

Escutai-a. Eu nada peço.

Viagem de cobrança

O nosso companheiro Edgard Leuenroth está visitando Jundiahy, Campinas e Bragança.

Aos nossos assignantes e a todos os nossos correligionarios, residentes nessas cidades, pedimos boa vontade em auxiliarem a tarefa do nosso companheiro, que não poderá demorar-se muito, naturalmente, em cada localidade.

A existencia deste jornal de ideias, depende dum pequeno esforço em seu favor por parte de cada um dos seus leitores e dos que o consideram util.

Sodoma e Gomorra

O trecho que transcrevemos em seguida é tirado da correspondencia de Portugal publicada no *Estado de S. Paulo* de 31 de março ultimo.

Tem assumpto e reus para o «Rol dos culpados», mas preferimos dar-lhe um lugar especial, sublinhando as passagens mais significativas. Attenção!

O caso da semana, singularmente escadaloso, foi o do apparecimento nas columnas de um jornal avançado, de certo officio, dirigido pelo padre Manuel Ançã ao ministro da justiça e ecclesiasticos, para se justificar da attitude tomada perante o bispo de Beja, seu perseguidor, que o demittiu dos lugares de professor e prefeito do seminario e o suspendeu do exercicio das ordens por dois annos. O bispo, demittindo Manuel Ançã e o irmão deste, de nome José Ançã, e substituindo-os por outros, sem para nada querer saber do governo a cuja approvação se absteve de sujeitar, como manda a lei, os seus actos, abriu um conflicto com o ministro Medeiros, que foi obrigado a sair do ministerio Wenceslau de Lima, cuja quéda se filiou em semelhante incidente.

Subiram ao poder os progressistas, sendo a pasta da justiça e ecclesiasticos confiada ao professor Arthur Montenegro, *que resolveu a questão sem a minima censura para o bispo*, a quem apenas lembrou a vigencia da lei de 1845, que regula a existencia e administração dos seminarios. A demissão dos padres Ançã foi considerada válida e da mesma fórma se resolveu quanto ás nomeações dos seus successores. Ora, numa das portarias de Arthur Montenegro alludiu-se a um officio de Manuel Ançã, classificado de injurioso para o bispo e que o ministro mandou, como tal, archivar. Tendo sido dada autorisação aos pares e aos deputados para que pudessem examinar os documentos da questão de Beja, não tardou que fosse conhecida a essencia do officio accusador, libello tremendo contra o prelado Sebastião de Vasconcellos.

O padre Manuel Ançã, despejando sobre o bispo os mais repugnantes epithetos, accusa-o de praticar a homosexualidade e apresenta-se, elle proprio, como victima, por parte do seu superior hierarchico, de solicitações para a pratica daquelles delictos pelos quaes Deus, segundo o Genesis, destruiu, pelo fogo e pelo enxofre, cinco cidades da Palestina que o mar Morto sepulta na desolação das suas aguas amargosas!

A insistencia na accusação, as ascorosas minucias, o odio que transpira de cada phrase do officio, a generalização das allusões *á quebra do preceito disciplinar do celibato, por* parte do clero, tudo isto torna o documento, que o «Mundo» *publicou integralmente, uma coisa assombrosa, como de outra semelhante não ha memoria.* O jornal que o iseriu teve uma larguissima extracção chegando a exgotar-se e a vender-se no Porto e em outras localidades por um preço elevado. O bispo de Beja, quando apenas padre Sebastião de Vasconcellos, residiu muitos annos no Porto, onde fundou a Officina de S. José, *para regeneração de rapazes.*

O padre, que o accusa ainda de incestuoso, não é, por seu turno, uma grande figura moral, e se o bispo conta antecedentes pouco edificantes, os dos irmãos Ançãs tambem não abonam apreciaveis qualidades.

O caso de Beja versou-se, como era natural, no parlamento, antes mesmo da vulgarização do famoso officio. Levantou a questão o deputado dissidente João Pinto dos Santos. que demonstrou *os atropelos da lei perpetrados pelo bispo cuja insolencia foi ao ponto de telegraphar ao ministro Medeiros, contrariando ordens deste, que não readmittira nem readmittiria os padres Ançãs. O ministro caiu e os clericaes venceram, tendo ao seu se viço o successor de Medeiros. Os Ançãs foram os unicos a ser castigados, o bispo desobediente nada soffreu.* Occupando-se da defesa escripta pelo padre Manuel Ançã, o deputado João Pinto declarou que o ministro não tinha o direito de archiva-la, antes o seu dever seria remette-la ao procurador regio para este relaxar o autor aos tribunaes ordinarios. O ministro pretendeu cobrir o bispo, mas collocou-se assim na peor das situações.—Sebastião de Vasconcellos — accrescenta o orador—é accusado de crimes que, se provassem, bastariam para que esse prelado fosse immediatamente excluido do numero dos prelados portuguezes. *Na camara só poderiam ser apreciados em sessão secreta, dada a immoralidade que os caracteriza.* Cruzaram-se nesta altura muitos apartes de critica severa ao sujo acontecimento. João Pinto dos Santos concluiu o seu discurso depois de ter longamente apreciado o conflicto juridico, proferiu estas palavras:

«—Na luta que encetaram contra o clericalismo, os elementos liberaes não descançarão um momento. Podem persegui-los. podem encarcera-los porque não os submetterão. E o triumpho ha de, por fim pertencer-lhes.»

Respondeu ao deputado dissidente o ministro da justiça, defendendo a maneira como procedera, que disse ser isenta de todo o faccionismo. Não censurou o bispo porque elle reconsiderou e propoz a demissão dos padres Ançãs. Quanto á defesa de Manuel Ançã, ella nada representava contra o bispo e não estava em termos de se publicar. Casos ha que se não discutem. O dr. Affonso Costa interrompeu para dizer que o não entendia assim a Allemanha...

João Pinto replicou ao ministro, este triplicou por entre um chuveiro de apartes e depois usou da palavra Affonso Costa, que accentuou o predominio da reacção clerical no presente reinado, como no outro se produzira o da reacção politica, escalpellando a questão de Beja nas suas minucias para concluir que o prelado procedeu sempre illegalmente e que o governo só lhe fez as vontades. Ao dr. Affonso Costa replicou o *leader* da maioria progressista Antonio Cabral, que para baralhar a questão, trouxe *á tela do debate o bispo de Bragança, accusando-o de ser mais criminoso do que o bispo de Beja, e procurando por todas as formas effectuar a defesa deste*, sem todavia o conseguir. O dr. Egas Moniz, deputado dissidente, foi quem se seguiu ao progressista Antonio Cabral. Accusou o bispo pela sua desobediencia ás leis e o governo por haver desviado do processo uma das peças mais importantes: o telegramma em que o prelado bejense accentuava a sua desobediencia de um modo expresso e inilludivel. Replicou ao dr. Egas Moniz o deputado progressista Alexandre de Albuquerque, num extenso e suporifero discurso em que diligenciou defender o bispo e o governo e apresentar ambos como estritos cumpridores da lei. A discussão iniciada na sexta-feira, 11, ameaçava alargar-se por muitos dias, sendo opinião geral que o duplo escandalo de Beja representa mais uma forte machadada no clericalismo por um lado, e por outro mais uma demonstração da furia com que elle busca avassalar a sociedade portugueza.

FOLHETIM (24)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

VI

sequilibrio que a tuberculose traça por vezes em seus eleitos. Dando azas aos sentimentos referventes no peito, deixando transbordar o desejo, avançou querendo toma-la nos braços. Ella defendeu-se então, fazendo barricada da unica cadeira existente na camara.

— Carmen!—prorompeu o Sena; aguardava este momento que o destino me concedeu afinal e de que vai depender a minha sentença de vida ou de morte. Não sei se as recordações do passado estarão de todo mortas em ti... em meu peito se' recrudecem sempre vivazes, mais atormentadoras sempre. Ai de mim! Os dias passados outrora a teu lado, a castellar um mundo que Deus não creou, voltam-me constantemente á imaginação nas garras da saudade devorando-me a alma.

— E quem fanou o sonho? — interrogou ella.

— Que valem recriminações tardias e injustas? Foi o destino, tecendo perennemente o trama de existencia que me arremessou longe de ti! Foi um sentimento da loucura, alado em ambição, que nos separou. Mas a expiação é superior á falta e o perdão deve ser excelso, porque foi grande o peccado.

— Que perdão e que peccado?! —motejou ella. Nem erro de calculo houve: essa fortuna que lhe não veio hontem ás mãos, como esperava, pode vir amanhã e resgatar o dolo.

— Não a quero mais. Assás soffri por amor della. Escuta-me bem: o que sinto por ti é uma paixão tão intensa e tão sincera que matou em mim as outras paixões—nem ambições de riqueza, nem almejo de poderio já tenho. Hoje, depois que te abandonei por um crime, remordendo-me fortemente no coração, fóra de ti nada mais existe e morrer ser-me-ia mais doce do que te perder. A' tua presença subita, esperada embora, o amor, dormindo no peito num como vulcão extincto, estruge e rebrama desperto da enganadora calma, e estas lavas, sinto-o, não se extinguirão facilmente. Escuta-me, Carmen: se em ti ainda perduram saudades, recordações mesmo do tempo em que viviamos no mundo das miragens, immemores do passado, descurados do futuro... se em tí existe ainda a fagulha do primeiro amor, sepultada entre cinzas de outras paixões, mas rebrilhando a um leve sopro, vem commigo, vamos para bem longe desses entes constituindo obstaculo á nossa felicidade.

— Está louco! Depois do olvido a quem lhe não podia dar a ambicionada fortuna, vem o insulto!

— Não me recrimines em vão. Eu já o tenho feito por vezes durante noites e noites, a sós com a consciencia, dando-me rebate de toda a minha vida passada. Hoje me entrego a ti. Fujamos para bem longe! O meu diploma dar-me-á recurso para a subsistencia e se amanhã a sorte me desligar dessa alliança insensata, em má hora contrahida, unir-nos-emos para sempre.

— Basta, senhor! não se degrade assim. Além da série de infamias, ousa ainda fazer um voto de aniquilamento para a infeliz que se lhe entregou incauta nos braços, sem calculo, por amor talvez, a quem o senhor offereceu espontaneamente o seu nome e o seu futuro. Só uma desma carada loucura pode desculpar a hediondez de suas palavras.

— Serei infame, louco, o que quizeres, mas vem, fujamos!

E seus olhos de tysico luziam de maneira insolita e na voz pintava-se tão bem a superexcitação refervendo-lhe no peito, que Carmen repelliu-o ainda, protestando em voz alta:

— Jámais! Jámais!

— Pois bem! Que o ceu ou o inferno se conspirem contra mim, não recuarei agora; serás minha.

E avançou para ella com os membros esqueleticos tremulos á sanha de volupia.

— Nunca! nunca!—bradou Carmen interpondo a cadeira.

— Que é, minha filha? — interrogou o velho Sena penetrando na camara.

Foi um golpe de raio.

Ella sentiu que desvendar o segredo do que se passara era magoar a fibra amorosa daquelle velho, um segundo pai do Sena! Era revolver ainda a lama, devendo permanecer no paul até que o sol do esquecimento a tisnasse. O bacharel conservou-se vencido, immovel, pallido, mudo em face do ancião—juiz e pai. A moça teve uma inspiração feliz.

— Que ha de ser, papai? Este vicioso quer que lhe empreste dinheiro para voltar á jogatina, onde se arruina e estraga a saúde. Eu lhe respondi então:— Jamais! jamais!

— E mostras assim melhor senso, minha filha. Bem sei quanto é vão moralizar a quem traz os olhos vendados; mas se existe em ti um pouco de respeito devido ao teu velho tio, aconselho-te para recuares emquanto é tempo dessa senda perigosa, descambando no abysmo do crime.

— Obrigado!— respondeu o bacharel em tom mesclado de ironia e odio.

Era demais! A sorte persistia, portanto, em lhe ser eternamente esquiva?! Jogara e perdera durante uma noite inteira sem que um sorriso da fortuna se abrisse a seu lado; obedecendo ao axioma que promette felicidade em amor ao infeliz no jogo, voltara-se para aquelle ponto onde o impellia a sua organização de homem condemnado a morrer moço e quando julgava realizado o voto de volupia delictuoso certamente, surdiam-lhe obstaculos inesperados embargando-lhe a ascenção. Que vento de adversidade era aquelle impellindo-o sempre a esmagar-se em rochedos? Desprezado pela mulher a quem o vinculava o laço do primeiro amor—essa cadeia de recordações cingindo um sonho tão bello e para sempre perdido, que poderia esperar mais?

— Obrigado!—murmurou ainda, automaticamente, e saiu cabisbaixo, inconsciente, somnambolico. A roleta, estendendo por toda a parte os tentaculos, o empolgou de novo.

Quando o velho Sena se achou a sós com Carmen pôde fita-la melhor: aos olhos perspicazes do observador ficou bem patente que a pallidez espelhada no semblante da filha, o tremor dos labios lividos não podiam provir de uma simples discussão sobre jogo. Houvera algo de mais grave que a moça procurara occultar-lhe. Aquelle sobrinho a quem inculcara principios de sã moral, de quem se constituira um segundo pai, após a ingratidão ainda lhe queria macular as cãs? Era o virus do vicio passondo como um vulcão de morte naquella feira maldita que o infectara ou já trazia comsigo, como um veneno canceroso no imo do peito, aquelle instincto brutal arrojando-o ao nivel das bestas? Como lhe doia o insulto, após a ingratidão de outrora, partindo do homem que lhe devia respeito filial.

Deixou-se tombar sobre uma cadeira, opprimido, esmagado por aquelle golpe de maça.

(Continúa).

Amor christão

Santa Intrujice—entrega as almas toscas
... ás nossas artimanhas...
GUERRA JUNQUEIRO.

O franciscano Manuel Cardoso, residente á rua Silva Telles, pertencente á igreja de S. José, obriga sua mulher a pedir esmola na igreja para os santos (bolsos).

Ha dias deu-se o caso de a esta correr mal a sorte, sendo a féria pequena, por não haver tolos sufficientes no templo e porque os poucos que havia parecia sentirem espinhos nos bolsos.

Foi o bastante para que o digno franciscano ficasse christãmente furioso e se retirasse immediatamente para a sua residencia, acompanhado de sua excellentissima esposa.

Chegados a casa, foi a porta fechada á chave, e o franciscano começou a sessão esmurrando a cara da mulher e partindo-lhe os dentes.

Aos gritos da infeliz acudiu a vizinhança, mas a porta estava fechada, sendo preciso arromba-la para soccorrer a mulher que gritava.

O franciscano deshumano, vendo que os vizinhos acudiam, deixou a mulher e foi ajoelhar-se aos pés dum enorme crucifixo, rogando-lhe, de mãos postas, perdão pelo que tinha feito e impetrando da sua divina clemencia o milagre de não doerem as pancadas á mulher. E para que dellas se livrasse a mesma, que o Senhor mandasse muitos tolos á igreja, todos com cobres.

RA PÉ.

Um rapto

Da correspondencia de Paris publicada no *Diario Popular* de de 18 de março, recortamos a narração seguinte, que dispensa bem outros commentarios:

Ha annos descrevemos aqui, numa das nossas *Notas de Paris*, o caso de uma menina raptada pelas agencias de freiras e de religiosas reclusas. A mulher que servia admiravelmente os interesses das Casas do Senhor era uma professora de piano. A *entremetteuse* foi processada e condemnada.

Hoje repete-se quasi o mesmo. Uma menina, filha de um chefe da policia de Paris, foi raptada por conta de uma agencia secreta de collocação de noviças. E' o trafico das brancas, não para uso dos velhos sadicos que frequentam os alcouces estrangeiros, mas para povoar os conventos desertos.

A menina Martha Esperet escreveu por fim ao pai, que foi busca-la a um convento da provincia, salvando-a das garras de seita negra. Estava no departamento de Dordogne, distante nove horas de Paris, no fundo mais afastado da provincia.

E' extraordinaria a audacia com que foi raptada essa menina!

Ha mais de tres annos uma senhora idosa, vestida de preto, maneiras distintas, visitára a familia da pequena Martha, inquirindo sobre a razão por que essa menina ainda não tinha feito a primeira communhão e não ia á missa todos os domingos. A mãi da raptada de hoje admirou-se muito de tão importuna visita, declarando que o seu marido, franco-maçon, de ideias portanto as mais anti-religiosas, não queria que a sua filha seguisse as praticas catholicas.

A tal dama idosa retirou-se, mas andou sempre á cata da criança, seguindo-a quando ella ia á escola ou tinha de fazer um recado qualquer. E sempre que falava á filha de Mr. Esperet era para a excitar a deixar o domicilio da familia e se recolher em um convento, para salvar a alma do contacto de herejes.

A pequena, ao principio, conta á mãi as conversas que tinha na rua com a velha engajadora de noviças para conventos, mas depois nada mais relatou e em casa todos julgavam que a velha abandonára a sua pretenção de querer salvar a alma de Martha, tirando-a de um meio dissolvente de pedreiros livres.

Puro engano! A perseguição continuava e a velha obteve, emfim, o consentimento, a adhesão da criança. O rapto foi preparado e Martha, por instigação da *entremetteuse* religiosa, roubára mesmo 40 francos aos pais horas antes de fugir.

Mas veiu o desengano a tempo! Os raptores da innocente criança tiveram medo quando viram o ruido que essa fuga produzia, e temendo as severas consequencias do crime, abandonaram a pobre Martha á porta de um convento, onde o pai a foi encontrar tres dias depois.

E é por estes e outros desatinos que o catholicismo mititante desce tanto em França, mesmo entre os conservadores, que eram outrora os melhores auxiliares da Igreja.

PEQUENOS ÉCOS

Visita.—Deu-nos o prazer da sua visita o nosso correligionario de Baurú, Sr. J. A. A. Murtinho.

Em Nictheroy.— Amigos nossos, residentes em Nictheroy, communicam-nos que foi ali organizado, por iniciativa dos nossos cooperadoaes José Martins, Francisco Dias Filho e outros, um centro operario denominado «Grupo de Estudos Sociaes Germinal», cujo escopo é a instrucção mutua dos seus membros e a propaganda das ideias livraes.

Bilhetes e recados

Rio.— J. Ch. Bezerra. Não sabemos quem é o senhor nem a que assumpto se refere, nem o seu endereço.

Nictheroy.— Dias. Scientes de tudo. Mandamos os recibos. Quanto aos artigos a traduzir, não nos falta paciencia: falta-nos absolutamente o tempo. Vejam se os podem traduzir ahi. Os livros ainda não os temos. Saudações.

E. Brodowski.— Q. Tomasek. Será enviado quando chegar. Saudações.

Rincão.— F. Ramalho. Recebemos os 10$000. Scientes. Saudações.

S. Roque.— C. Negrelli. Mandamos o jornal á pessoa que indica; é justo. Cremos que não mandou dinheiro para o *Hynno*, mas não estamos certos. Saudações.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Visconde de Sapucahy;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes;

RUA DO OUVIDOR, no salão de engraxate, ao lado do Café Java.

Festa pró-Escola Moderna

Promovida pelo sub-Comité do Bom Retiro, no sabbado, 16 de abril, ás 8 e 1|2 da noite, no Salão Turnerschaft von 1890, rua Bom Retiro, 52 (em frente ao templo protestante), realizar-se-á um bello festival em benificio desta iniciativa.

O Grupo Philodramatico Libertario executará o seguinte programma:

Per il codice, drama em dois actos, de A. Novelli.

Il Maestro, boceto em 1 acto, de Rousselle.

Vispa Theresa, boceto em um acto em verso, de P. Chiesa.

Grande kermesse e baile familiar.

Através das publicações

Recebemos:

—*Quo Vadis?*, orgam semanal livre-pensador, literario e noticioso de Abaeté (Pará). Longa vida ao novo collega!

—*El Motin*, o valente semanario de José Nakens. Illustrado, muito bem redigido, documentado, batalhador. Endereço: calle Alberto Aguilera, num. 52, Madrid.

—*Les Temps Nouveaux*, a importante revista anarchista, dirigida pelo conhecido escriptor Jean Grave. Apparece quinzenalmente, com um supplemento literario. Endereço: 4, rue Broca—Paris (V).

Os nossos representantes

São nossos agentes, fóra desta cidade, com o encargo de angariar e cobrar assignaturas, os seguintes amigos:

Ribeirão Preto, sr. José Selles, rua Amador Bueno n. 41.

Uberaba, sr. José Delfino Pereira Junior, rua Saldanha Marinho.

Franca, sr. Innocencio Selles.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.

Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, João Leuenroth, rua Hospicio, 166.

Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

S. Roque, sr. Credo Negrelli.

Dobrada e lugares circumvizinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.

Porto Alegre, sr. Polydoro Santos, rua Conceição, 22.

Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.

S. Em Vicente, sr. Miguel Barcalla.

Rincão, Pontal, Pitangueira e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.

Atibaia, dr. Olympio Paixão.

Jardinopolis, sr. João Zucchi.

Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) será direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

EXPEDIENTE

A todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales, e tudo quanto concerne á administração, pedimos o favor de endereçarem a correspondencia á LANTERNA a **NENO VASCO**.

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado).

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame*.

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nos é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetes e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.
Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.
Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internacia Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.
Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista— Porto. — Cada exemplar: 100 reis.

Les Hommes du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, literaria e artistica.
Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hermann-Paul, etc.
Redactor em chefe: Victor Méric.
Assignatura annual: 6$000.

Numeros atrasados

De novo lembramos aos amigos, que se interessam pela propaganda das nossas ideias e d' *A Lanterna*, que temos á sua disposição, gratis, certa quantidade de numeros atrasados—que podem servir para distribuição gratuita em dias de festa, reuniões, ajuntamentos, comicios, na semana santa, ou mesmo em dias normaes.

Quem desejar receber pacotes de propaganda, escreva-nos um simples postal.

O Celibato

Este livro, cujo preço marcado é de 3$000, está á venda em nossa redacção ao preço de 2$000, sendo offerecido como premio gratuito a todos os nossos assignantes annuaes que o escolherem, pagando a sua assignatura directamente a esta administração, sem nenhuma despesa de cobrança ou deducção de gastos de remessa.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

Eliseu Reclus, *Evolução e Revolução*	1$500
Gorki, *Os amassadores*	$200
Pinho, *Pela Educa ão e pelo Trabalho*	$200
Nieuwenhuis, *A mulher e o Militarismo*	$100
J. Most, *A Peste religiosa*	$100
Motta Assumpção, *O Infanticidio, drama.*	$300

EM HESPANHOL

M. Rey, *Donde está Diòs?*	$100
R. Chaughi, *Immoralidad del Matrimonio*	$100
La Mujer Esclava	$100
J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población*	$100
Frank Sutor, *Generaciòn consciente*	$400
M. Devaldès, *Mathusianismo y Neo-Mathusianismo*	$100
Ch. Drysdale, *Dign dad, Libertad é Independendencia*	$100
A. Pellicer Paraire, *El individuo y la masa*	$100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100
S. Faure, *El Problema de la Poblaciòn.*	$100
L. Bulff, *Huelga de Vientres*	$100
A. Hamon, *Compendio de la Historia del Socialismo*	$200
P. Robin, *La Mujer Publica*	$100
J. Grave, *Tierra libre* (fantasia)	2$000

A' venda nesta redacção

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Espanha e a obra de Ferrer.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 200 réis o numero avulso.